

Resenhas

O ESTILO NA HISTÓRIA

Peter Gay

Subtítulo: Gibbon, Ranke, Macaulay e Burckhardt

Tradução: Denise Bottmann

Capa: Hélio de Almeida

240 pp.

A análise documental, a arqueologia e a numismática são instrumentos do historiador tanto quanto a metáfora, a hipérbole e o anacoluto. Os primeiros, para estabelecer os fatos de forma segura, e os últimos, para expor suas interpretações de forma atraente e eficaz. A narração da verdade histórica com beleza é o que Peter Gay advoga em *O estilo na história*. E, para mostrar que isso é possível examina a obra e a vida de quatro historiadores.

O primeiro é o inglês Edward Gibbon (1737-1794), autor de *Declínio e queda do Império romano* (cuja edição abreviada foi publicada em 1988 pela Companhia das Letras). Neste livro, Gibbon, inspirando-se no historiador romano Tácito, usa e abusa da ironia e da antítese. Em seguida, enfoca o alemão Leopold von Ranke (1795-1886), autor da famosa máxima "mostrar o sucedido tal como efetivamente sucedeu", considerado o pai da moderna historiografia, e que lança mão de recursos dramáticos na sua narrativa. O terceiro historiador analisado é o inglês Thomas Babington Macaulay (1800-1859), autor de uma *História da Inglaterra* narrada sob um ponto de vista whig (liberal), com uso de repetições rítmicas. O último, o sulco Jakob Burckhardt (1818-1897), é o autor de *Cultura da Renascença na Itália*, que se utiliza da informalidade para expor suas interpretações.

Contrapondo-se ao relativismo histórico que questiona a existência objetiva dos fatos, Peter Gay afirma a possibilidade de se formar uma explicação

objetiva a um passado objetivo, a qual deve ser difundida com uso de recursos literários para torná-la palatável aos leitores.

Peter Gay, nascido em Berlim em 1923, é historiador formado na Universidade de Columbia, Nova York. É autor de vasta obra histórica sobre o Iluminismo, a cultura de Weimar, a psicologia da era vitoriana e da biografia *Freud: uma vida para o nosso tempo* (Companhia das Letras, 1989).

ORIENTALISMO

Edward W. Said

Subtítulo: O Oriente como invenção do Ocidente

Tradução: Tomás Rosa Bueno

Capa: Ettore Bottini

376 pp.

O orientalismo, segundo Edward Said, é um estilo ocidental de dominação, reestruturação e autoridade sobre o Oriente. Para dominar, segundo o Ocidente, é necessário "compreender", mas nisso vai uma imensa pretensão de sabedoria, e não propriamente conhecimento. Na verdade o que se diz (ou se faz) é inventar o Oriente como o duplo ou inverso do Ocidente. O seu contrário. Para Said, orientalismo é "uma relação dinâmica entre os autores individuais e as empresas políticas de três grandes impérios: o inglês, o francês e o americano". Entre os séculos XIX e XX desenvolvem-se as formas de dominação colonialista e imperialista destas três potências, e o autor limita sua análise a esse período e, em termos geográficos, ao Oriente Próximo e Médio, árabe e muçulmano. E é neste mesmo período que o ocidental descobre uma "civilização perdida", na verdade inventa-a. O autor nos mostra o quanto de tudo que sabemos sobre os orientais, por tantos especialistas e escritores, é um saber domesticado, tão legítimo (porque é nossa visão) quanto ilegítimo (porque, realmente, conhecemos muito pouco).

Em *Orientalismo*, Edward Said comenta textos e documentos de intelectuais, como relatos de viagens, discursos políticos, estudos sobre religião, geografia, história e filologia. À parte desta cultura oficial, comenta também o outro tipo de texto, mais criativo: as obras de poetas e romancistas europeus fascinados pelo Oriente, como Goethe, Victor Hugo, Nerval, Flaubert, Walter Scott, T. E. Lawrence, entre outros. Este imaginário ocidental é uma grande contribuição para a visão orientalista, sobre "o grande mistério asiático", segundo Disraeli.

Edward W. Said, um dos mais importantes críticos literários americanos, é professor de inglês e literatura comparada na Universidade Columbia. Anteriormente lecionou em Harvard e foi pesquisador em Stanford. É autor de *Beginnings: intention and method* (1976).

AS FLORES DA ESCRIVANINHA

Leyla Perrone-Moisés

Subtítulo: Ensaios

Capa: Moema Cavalcanti

Orelha: Alfredo Bosi

192 pp.

"Balzac descreve buquês de flores irrealizáveis no mundo físico. Essas flores, puramente verbais, são as flores da escrivantina. Concorrem com as da natureza porque a ambição da literatura não é dizer o mundo, mas fundá-lo e atribuir-lhe valor."

Assim, Leyla Perrone-Moisés inicia sua coletânea de ensaios e, partindo do pressuposto de que a literatura, ao representar o real, apresenta um mundo melhor, elabora uma obra exemplar no campo da teoria literária.

Balzac, Stendhal, Flaubert, Guimarães Rosa, Cabrera Infante, Michel Butor, Danilo Kriševski, Clarice Lispector, os grandes autores ficcionais dos séculos XIX e XX, são seus objetos de estudo. Através deles, autores díspares que em comum têm seus textos sedutores, Leyla reflete sobre o poder da literatura de criar e recriar, não apenas pelo que os autores dizem, mas também pela forma como dizem. E, "atenta ao caráter móvel e plural do texto, ensina ver nas entrelinhas e deixa o leitor experimentar as surpresas de sua proposta crítica" (Alfredo Bosi).

Não podemos dissociar as reflexões sobre a sedução das reflexões sobre a própria língua, e isso Leyla Perrone-Moisés nos mostra em textos de grande talento. E é sempre bom lembrar, como diz Paulo Rónal, justamente sobre Balzac, "talento é a monstruosidade que diferencia o criador dos outros homens".

Leyla Perrone-Moisés é professora titular de literatura francesa na USP. Leciona também em outras universidades, brasileiras e estrangeiras. Em 1987, deu aulas na Universidade de Montreal e, nos dois últimos anos, na Sorbonne. Publicou, entre outros, os seguintes livros: *O novo romance francês* (1966); *Falência da crítica* (1973); *Texto, crítica, escritura* (1978); *Fernando Pessoa: alguém do eu, além do outro* (1982); *Roland Barthes: o saber com sabor* (1983); *Lauréamont: vulgo Ducasse, aliás Maldoror* (1984).

A NEVE DO ALMIRANTE

Alvaro Mutis

Tradução: Josely Vianna Baptista

Capa: Elizabeth Tognato

Orelha: Eric Nepomuceno

Cr\$ 136p.

Alvaro Mutis é uma das maiores expressões da atual literatura latino-americana. Pouco conhecido do grande público, este escritor colombiano é, porém, reputadíssimo nos círculos literários tanto do nosso continente como também da Europa - onde vem sendo publicado pelas melhores editoras - e tem, pelo menos, um admirador muito importante: Gabriel García Márquez. Seu amigo íntimo, Márquez cita-o como um de seus grandes influenciadores e a ele dedica seu romance *Cem anos de solidão*. Isto já é, sem dúvidas, um aval para a obra de Mutis, mas basta abrir um livro como *A Neve do Almirante* para justificar-se toda a reverência que merece este extraordinário escritor. Notável também é que um de seus livros, *El último rostro* (1978), tenha servido de base histórica para que Gabriel García Márquez escrevesse *O general em seu labirinto* (1989).

Conhecido sobretudo como poeta, em 1953, nas páginas de seu segundo livro do gênero, *Los elementos del desastre*, surgiu o personagem que muitos consideram seu alter-ego, Maqroll, o Gaveiro, porta-voz de sua consciência. Aos poucos, este lírico marinheiro de origem misteriosa mescla-se ao próprio autor, apossando-se de gran-

de parte de sua obra. Em 1973, os poemas protagonizados por Maqroll foram reunidos em um só volume: *Suma de Maqroll Gaviero*.

A prosa surge em Mutis a partir de 1960. Com *A Neve do Almirante* (1986), primeiro livro de uma trilogia, o leitor brasileiro terá oportunidade de conhecer uma obra ímpar, conhecerá também Maqroll e sua particular visão da vida e da morte. Os volumes que completam essa trilogia, *Ilna Ilega con la lluvia* e *Um bel morir*, serão posteriormente publicados pela Companhia das Letras.

Escrito em forma de diário, *A Neve do Almirante* nos demonstra que a prosa de Alvaro Mutis privilegia o poeta. Por um período de pouco mais de três meses, a bordo de um precário barco a diesel, Maqroll redige seu diário. Navegando pelo rio Xarandó acima, seu objetivo é chegar a uma serraria onde, financiado por sua amante Flor Estevez, tentará fazer fortuna. Esta finalidade, que desde o começo lhe parece insensata, esvazia o significado da jornada, dando ao Gaveiro uma sensação de inutilidade e fatalidade. Assim Mutis compõe um quadro da delicada situação do homem frente ao inexorável fluxo do tempo. A selva é mais apática do que misteriosa. Sua beleza é seu vazio, e todo movimento torna-se inusitado.

"[...] Aqui [na selva] a inteligência se embota, o tempo se confunde, as leis são esquecidas, se desconhece a alegria e não cabe a tristeza [...]" (p. 44).

É neste ambiente, com companheiros e embrutecidos, mas onde a amizade pode florescer de maneira surpreendente, que o Gaveiro medita. Ele lê um livro sobre o assassinato do duque de Orleans pelo duque de Borgonha e mistura essa leitura com os registros que faz dos acontecimentos cotidianos, dos que com ele viajam, dos seus sonhos, da paisagem que se modifica com os dias, das mortes violentas e das febres tropicais.

Nas suas reflexões sobre o significado de suas viagens, Maqroll considera-se, na verdade, um "errante" e não um viajante e, como tal, nos conduz, através de uma perambulação sem destino geográfico, ao encontro da sublimação de nossas aparentes derrotas.

Alvaro Mutis nasceu em Bogotá, Colômbia, em 1923 e realizou seus primeiros estudos em Bruxelas. Sua obra é extensa, abrangendo a poesia como em *Los elementos del desastre* (1953), *Los trabajos perdidos* (1964), *Crónica regia y alabanza del reino* (1985), *Suma de Maqroll el Gaviero* (1973). Na prosa, destacam-se títulos como *Diario de Lecumberri* (1960), *La mansión de Araucutma* (1974), e *A Neve do Almirante* (1986) que inicia a trilogia a que pertencem *Ilna Ilega con la lluvia* e *Un bel morir*.

ZILLES, Urbano. *Gabriel Marcel e o Existencialismo*. 1988, 128p. A obra expõe criticamente o pensamento de Gabriel Marcel no contexto das filosofias contemporâneas da existência.

CLOTET, Joaquim e outros. *A Justiça*. 1988, 104p. A obra tem ensaios dos professores U. Zilles, Reinholdo A. Ullmann, Francisco de Araújo Santos, Sírio Lopes Velasco, Edivno A. Rabuske e Joaquim Clotet.

BIZ, Osvaldo. *Informática e Soberania*. 1988, 172p. O livro historia os caminhos que levaram o Brasil a adotar a reserva de mercado para a Informática até 1992.

ULLMANN, Reinholdo Aloysio. *Epicuro: o filósofo da alegria*. 1988, 100p. O livro resgata a pessoa de Epicuro e seu pensamento filosófico.

JOVCHELOVTICH, Marlova. *Encontros dialógicos: uma vivência em Serviço Social*. 1989, 60p. Constitui um instrumento metodológico valioso para o Serviço Social, fundamentando a relação de ajuda no diálogo e na fenomenologia.

ZILLES, Urbano. *O Problema do Conhecimento de Deus*. 1989, 68p. Numa lógica cerrada do pensamento, o autor movimenta-se desimpedidamente na Biologia, Física, Geologia, Filosofia e Teologia indagando pela transcendência.

BRASIL, Luís Antônio de Assis (org.). *Contos de Oficina 3*. 1989, 136p. É o terceiro volume de contos produzido pelos alunos da Oficina de Criação Literária do Curso de Pós-Graduação em Letras da PUCRS.

CERQUEIRA, Siomara Vilanova. *Administrando a Mudança Rumo à Criatividade*. 1989, 60p. Propõe fornecer alternativas para uma mudança no sentido de ajudar o professor a administrar melhor sua criatividade e a de seus alunos.

CLEMENTE, Ir. Elvo. *Leitura & Crítica Literária*. 1990, 185p. Coletânea de ensaios do A. abordando a teoria e a prática da Crítica Literária.

BRASIL, Luís Antônio de Assis (org.). *Contos de Oficina 4*. 1990, 112p. Antologia de contos das oficinas da Criação Literária do Curso de Pós-Graduação em Letras da PUCRS.

MOTTIN, Antônio. *De Maróstica a Garibaldi: memória da Imigração Italiana*. 2ª edição. 1990, 163p.

Pedidos diretamente à:

LIVRARIA EDITORA ACADÊMICA LTDA.
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 9 - Caixa Postal 1429
90001 - Porto Alegre/RS - Fone (0512) 36-5337